

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

setembro - dezembro de 2017

número 24

ISSN: 2176-5960

DERRIDA E A CRÍTICA AO MÉTODO ESTRUTURALISTA

Cloves Thiago Dias Freire
Programa de Pós-graduação da
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Mestrando em Filosofia
thiagodfreire1@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo compreender “o fazer filosofia”, proposto pelo filósofo franco-magrebino Jacques Derrida, a partir da crítica ao modelo estruturalista de análise literária presente na obra *A escritura e a diferença*. Ademais, intencionamos compreender como a filosofia derridiana se caracteriza como uma recusa às amarras da linguagem proposicional, tão característica das ciências da natureza. Acreditamos que Derrida rompe com o sentido proposicional da linguagem das ciências da natureza propondo uma abertura para a liberdade poética.

Palavras-chave: Derrida. Estruturalismo. Crítica. Escritura.

Abstract: This work aims to understand "doing philosophy", proposed by the Franco-Maghrebian philosopher Jacques Derrida, from the critique of the structuralist model of literary analysis in this book *The Writing and Difference*. Moreover, we intend to understand how the Derridan philosophy is characterized as a refusal to the bonds of propositional language, so characteristic of the natural sciences. We believe that Derrida breaks with the propositional meaning of the language in natural sciences by proposing an opening to poetic freedom.

Keywords: Derrida. Structuralism. Criticism. Scripture.

A escritura é na verdade a unidade de uma forma e de uma significação. (DERRIDA, 2014, p. 17)

Considerações iniciais

O filósofo franco-magrebino Jacques Derrida (1930-2003) em *A escritura e a diferença* propõe uma crítica à cultura e ao pensamento ocidentais, tomando como fio condutor o estruturalismo francês. No primeiro artigo da obra supracitada denominado *Força e Significação* (1968), nosso autor analisa as consequências que o estruturalismo¹ produziu sobre a crítica literária a partir da obra *Forme et signification: essais sur les structures littéraires de Corneille à Claudel* (1962), do crítico literário suíço Jean Rousset (1910-2002).

O texto *Força e significação* está disposto em duas grandes partes. A primeira se pretende a analisar o método estruturalista de crítica literária tendo como objeto de estudo a obra já citada de Rousset. A segunda parte intenciona analisar o que Derrida denomina de “ultraestruturalismo”, que tem como características principais o método geométrico e o pré-formismo.

Este trabalho será desenvolvido em três partes. Primeiramente, problematizaremos as principais características da corrente de pensamento estruturalista, tomando como modelo metodológico o exposto na obra *A religião de Platão*, do filósofo francês Victor Goldschmidt. Segundamente, abordaremos o texto *Força e significação* com vistas a compreender os posicionamentos de Derrida frente aos postulados deste estruturalismo.

Por fim, tentaremos compreender de que forma este debate poderá nos ajudar frente a seguinte questão norteadora: qual é o papel da escritura e da linguagem na prática filosófica?

1. Estruturalismo e platonismo convencional

Para compreendermos o posicionamento derridiano frente às questões que buscamos articular tomando como mote o estruturalismo, iniciaremos nossa discussão apresentando o importante registro da seguinte passagem de *Força e significação*:

É certo que às vezes a *forma da obra, ou a forma enquanto obra*, é tratada *como se* não tivesse origem, como se, também na obra-prima (e Rousset só

¹ O Estruturalismo é uma corrente de pensamento nas ciências humanas que se inspirou do modelo da Linguística e que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações. O termo “estruturalismo” tem origem no livro *Cours de linguistique générale* (em português, *Curso de linguística geral*) de Ferdinand de Saussure (1916), que se propunha a abordar qualquer língua como um sistema no qual cada um dos elementos só pode ser definido pelas relações de equivalência ou de oposição que mantém com os demais elementos. Esse conjunto de relações forma a estrutura.

se interessa pelas obras-primas), o destino da obra não tivesse história. Não tivesse história intrínseca. É nesse ponto que o estruturalismo parece muito vulnerável e que, por toda uma dimensão – que está longe de cobri-la inteiramente –, a tentativa de Rousset corre também o risco de *platonismo convencional*. Obedecendo à intenção legítima de *proteger a verdade e o sentido internos da obra contra um historicismo, um biografismo ou um psicologismo* (que aliás espreita a *expressão* de “universo mental”), arriscamo-nos a não mais prestar atenção à historicidade interna da própria obra, na sua relação com uma origem subjetiva que não é simplesmente psicológica ou mental (DERRIDA, 2014, p. 17-18, grifo nosso).

Nesta passagem, Derrida argumenta contra algumas características fundamentais do método de análise do estruturalista, isto é: ser fiel às análises internas de uma obra; tomar a “forma da obra, ou a forma enquanto obra”; compreender a “história intrínseca da obra”, e o seu “platonismo convencional”, com vistas a “proteger a verdade e o sentido internos da obra”.

Em linhas gerais, será em torno destes postulados que estabeleceremos nosso comentário que visa compreender a crítica derridiana ao método estruturalista. Todavia, antes de analisarmos o texto derridiano, devemos assimilar os fundamentos teórico-metodológicos do estruturalismo, para isto nos ateremos àquilo que Derrida classifica de “platonismo convencional.”

O filósofo estruturalista francês Victor Goldschmidt (1914-1981), em sua obra *A religião de Platão* (1970), estabelece um método de leitura que, no seu entendimento, é o melhor método de análise na interpretação dos sistemas filosóficos (1973, p. 139)². Como veremos mais adiante, parece-nos que Derrida se reportará constantemente aos postulados de Goldschmidt quando acusa o estruturalismo de platonismo convencional.

Goldschmidt assinala em seu texto que existem dois métodos possíveis para a interpretação de sistemas filosóficos. O primeiro consiste no método dogmático, que “aceita, sob ressalva, a pretensão dos dogmas a serem verdadeiros, e não separa a léxis da crença.”³. O segundo consiste no método genético, que “considera os dogmas como efeitos, sintomas, de que o historiador deverá escrever a etiologia.”⁴. Entretanto, para ele, por ser o método dogmático “eminente filosofico: ele aborda uma doutrina conforme a intenção de seu autor e, até o fim, conserva, no primeiro plano, o problema da verdade.”⁵.

Por conseguinte, por ser o método dogmático mais filosófico que o genético, será tomado como o modelo de interpretação mais científico, pois propõe a análise do texto a

² *Tempo histórico e tempo lógico na interpretação de sistemas filosóficos* (GOLDSCHMIDT, 1973, p. 139).

³ Id., 1970, p. 139.

⁴ Ibid., p. 139.

⁵ Ibid., 1970, p. 139.

partir de dentro da obra, desconsiderando os fatos externos, se atendo ao problema da “verdade”.

Segundo Goldschmidt, o método genético se arrisca ao analisar a obra por cima da intenção de seu autor, como assinala na seguinte passagem:

A interpretação genética, sob todas as suas formas, é ou pode ser um método científico e, por isso, sempre instrutivo; em compensação, buscando as causas, ela se arrisca a explicar o sistema além ou por cima da intenção de seu autor; ela repousa frequentemente sobre pressupostos que, diferentemente do que acontece na interpretação dogmática, não enfrentam a doutrina estudada para medir-se com ela, mas se estabelecem, de certo modo, por sobre ela e servem, ao contrário, para medi-la.⁶

Neste sentido, a validade do método dogmático reside em tomar todas as teses de uma obra como verdadeiras “ao mesmo tempo”. Por consequência, este método é ao mesmo tempo científico e filosófico, quer dizer, ao fazer a análise dos sistemas filosóficos também estamos fazendo filosofia.

Para Goldschmidt, o fazer filosofia está intrinsecamente associado à interpretação de sistemas filosóficos, ou seja, a própria história da filosofia. Assim, o objetivo do texto de Goldschmidt será a demonstração deste método de análise textual, que se pretende alcançar a verdade de um sistema filosófico.

Segundo ele, a filosofia é “explicitação” e “discurso”. Com tais características, sua técnica consistirá em compreender os movimentos internos da obra e entendê-las como fazendo parte de um único movimento, que se efetua em um tempo lógico. Ou seja: “a interpretação consistirá em reaprender, conforme à intenção do autor, essa ordem por razões e em jamais separar as teses dos movimentos que as produziram.” (GOLDSCHMIDT, 1970, p. 140).

Assim, o intérprete não pode inverter um sistema, buscando retornar a fase embrionária de uma intenção. O intérprete deve adotar a atitude de “discípulo” e não de “analista”. Já que a interpretação de um sistema deve se estruturar a partir de “razões conhecidas do filósofo e alegadas por ele.”⁷

Consequentemente, Goldschmidt assevera que: “o que é preciso estudar é essa estrutura do comportamento, e referir cada asserção a seu movimento produtor, o que significa, finalmente, a doutrina ao método.”⁸. Em vista disto, todas as asserções e intenções

⁶ Ibid., p. 139, grifo nosso.

⁷ Ibid., p. 141.

⁸ Ibid., p. 141.

do autor devem ser enquadradas nas estruturas do método, pois conhecendo suas estruturas conseguiremos compreender que:

Doutrina e método, com efeito, não são elementos separados. O método se encontra em ato nos próprios movimentos do pensamento filosófico, e a principal tarefa do intérprete é restituir a unidade indissolúvel deste pensamento que inventa teses, praticando um método.⁹

Assim, para o estruturalista, se não se conhece o método pouco se conhecerá de sua doutrina. A pesquisa filosófica deve fazer corpo com a verdade, ou seja, deve respeitar os movimentos internos de uma obra, bem como, as intenções e teses do autor em sua totalidade.

Contra um epigenetismo, é preciso compreender as razões e não as causas, pois a opinião não se confunde com a ciência. Assim, é imprescindível expor a verdade através de um encadeado raciocínio a partir do princípio de ligação das ideias do próprio autor.

Neste sentido, os movimentos do pensamento filosófico definem a estrutura de uma obra. Dito de outra forma, os movimentos demonstram a articulação do método, que em última análise definem a própria doutrina, a arquitetura da obra.

Para Goldschmidt, o encadeamento de ideias, movimentos e pensamentos se dão em um tempo, mas não no tempo da vida. Dá-se em um tempo lógico, que encadeia razões que definem o método. Por isso, o intérprete deve ser fiel aos postulados metodológicos aventados pelo autor, isto quer dizer que cada movimento tem seu próprio tempo, tempo que é necessário para a articulação das ideias ao método.

Por este ângulo, a filosofia é propriamente um discurso, pois “a verdade não lhe é dada em bloco e de uma só vez, mas sucessivamente e progressivamente, isto é, em tempos e em níveis diferentes.” (GOLDSCHMIDT, 1970, p. 145). Consequentemente, a verdade de um sistema filosófico não poderá ser apreendida de uma só vez, desconsiderando o tempo lógico da obra, uma vez que “toda filosofia é uma totalidade, onde se juntam, indissolúvelmente, as teses e os movimentos.”¹⁰.

Ora, se o tempo lógico é o único a permitir o exercício da responsabilidade filosófica, o intérprete-historiador não deve ser um crítico da obra “ele é quem deve aceitar ser dirigido, e isso, consentindo em colocar-se nesse tempo lógico, de que pertence ao filósofo a iniciativa.”¹¹.

⁹ Ibid., p. 141.

¹⁰ Ibid., p. 146

¹¹ Ibid., p. 147

Portanto, é possível compreender que para Goldschmidt a análise de sistemas filosóficos é uma atividade propriamente filosófica, conquanto esta análise deva se dar sob os fundamentos metodológicos de análise estruturalista dogmático, pois é o único que preserva a verdade interna da obra, logo, sendo por essência o mais científico. Assim, o estruturalista adota uma visão de filosofia que deve estar associada a uma postura cientificista. Em grande medida, será contra este posicionamento que Derrida tecerá sua argumentação.

Como veremos, Derrida propõe uma destruição deste tipo de análise que pretende fazer corpo com a verdade. Para ele, não há um sentido único e exclusivo na escritura, uma verdade única. Toda escritura carrega as marcas daquele que escreve e daquele que interpreta na abertura para todas as possibilidades.

2. Derrida e a crítica ao estruturalismo

Logo na abertura do texto, Derrida assinala que o estruturalista esqueceu o sentido da obra “que se trata antes de mais nada de uma aventura do olhar, de uma conversão na maneira de questionar todo objeto.” (DERRIDA, 2014, p. 1). Neste esquecimento, perde-se também a capacidade criadora da imaginação e da sensibilidade.

Como veremos, a abordagem derridiana será centrada sobre a escritura da linguagem e na própria linguagem já que, para ele, é na linguagem que se reconhece a marca de uma época ou o sintoma de uma crise. Nesta acepção, sinaliza que “facilmente nos concederão que não é acidental a analogia entre a obsessão estruturalista e a inquietação da linguagem.” (DERRIDA, 2014, p. 2).

Para Derrida, o estruturalismo compreendeu a estrutura da obra como uma totalidade, totalidade que neutraliza a energia viva do sentido, pois, a escritura se refere sempre a um número incognoscível de leitores, de tempos indeterminados, de continuidades incalculáveis, de um presente sem-presença que já não é mais. (WALFREYS, 2009, 21-22).

Ao pensar a escrita enquanto totalidade, esta me escapa, pois já se encontra neutralizada na estrutura do sentido. Assim, é possível que nosso autor sinalize para novas formas de leituras que não estejam sob o julgo do já institucionalizado. Destacando, assim, para o fato de que não há consenso inicial, não há um ponto nodal na leitura da escritura. (DERRIDA, 2014, p. 5).

Derrida acusará o método estruturalista, primeiramente por considerar que a forma pertence ao conteúdo da obra, dito de outro modo, que a análise a partir das estruturas de uma

obra expressa as verdadeiras intenções do autor. Disto decorre uma segunda crítica, pois o autor estruturalista possui uma noção equivocada de imaginação que para ele é:

A liberdade que só se mostra nas suas obras. Estas não estão na natureza, mas não habitam um mundo diferente do nosso. “A imaginação (enquanto faculdade produtiva de conhecer) tem, com efeito, um grande poder para de algum modo criar uma segunda natureza com a matéria fornecida pela natureza real”. Eis a razão pela qual a inteligência não deve ser a faculdade essencial do crítico quando ele parte à procura da imaginação e do belo, “o que denominamos belo e no qual a inteligência está a serviço da imaginação e não esta a serviço da inteligência”. Pois “a liberdade da imaginação consiste justamente em esquematizar sem conceitos”.¹²

Esquematizar sem conceitos, esta deve ser a essência da liberdade imaginativa. O estruturalista, por sua vez, compreende a obra enquanto estrutura e unidade indissociáveis. Todavia, para nosso autor, “é preciso portanto virarmo-nos para o invisível interior da liberdade poética”¹³, ou seja, o sentido de uma obra não está em sua forma e estrutura, mas na abertura para toda possibilidade de experiência criadora.

Por isto, para ele, a análise estruturalista não consegue designar esta experiência, pois ela só é indicada “por uma metáfora, cuja genealogia mereceria por si só a totalidade da reflexão.” (DERRIDA, 2014, p. 9).

Derrida propõe aqui, possivelmente, uma ruptura com a sintaxe proposicional da escritura que privilegia não só a unidade indestrutível da palavra como também a autoridade do nome. Ao postular uma genealogia da metáfora, busca romper com estruturas totalizantes. O uso da metáfora na escritura enquanto liberdade criadora representa este exercício da linguagem que não cede ao domínio do sentido proposicional (verdadeiro/falso).

Seu estilo se caracteriza por um dizer fora, sem estar fora, é em demorar a dizer que eu digo enquanto ato reflexivo sobre o dito que não pode ser dito (sonho em negativo). Derrida se propõe a não dizer, mas não em não dizer, no dizer sem dizer, ou seja, evitar a forma injusta e aberrante de dizer (proposicional). Evitar o predicado e a predicação.

Para o magrebino, a escrita é por si só um projeto fadado ao fracasso, pois:

Falar mete-me medo porque, nunca dizendo o suficiente, sempre digo também demasiado. E se a necessidade de se tornar sopro ou palavra aberta o sentido – e a nossa responsabilidade do sentido –, *a escritura aberta e constrange ainda mais a palavra*.¹⁴

¹² Ibid., p. 8.

¹³ Ibid., p. 8.

¹⁴ Ibid., p. 10, grifo nosso.

Ora, isto posto, a análise idealista (estruturalista) de uma obra, a partir de seu desígnio interior, não passaria de um preconceito, pois acredita que uma obra se exprime a partir de seu fundamento ideal. Derrida classificará esta teoria como uma teologia (*Religião de Platão*), uma crença absoluta na forma e na estrutura. Um modelo metafísico que não se apresenta na escritura.

Para nosso autor, o poder da verdadeira linguagem está na liberdade poética, pois a poesia é a palavra livre, onde o “Ser” ainda não está aprisionado, possui ainda todas as suas funções sinalizadoras, como faz anotar:

É quando o escrito está defunto como signo-sinal que nasce a linguagem; diz então o que é, por isso mesmo só remetendo para si, signo sem significação, jogo ou puro funcionamento, pois deixa de ser utilizado como informação natural, biológica ou técnica, como passagem de um sendo a outro ou de um significante a um significado¹⁵.

Ora, Derrida busca, com este despertar, emancipar o sentido do signo-sinal, fazendo nascer a linguagem na passagem entre o sendo e o outro, na mediação entre o dito e o não-dito. Nesta sequência, propõe que o ato de escrever deve querer atingir o ser dentro do sendo, nos limites da linguagem.

Para Derrida, o estruturalismo, alçado as últimas consequências, tomou as formas da estrutura como o próprio objeto literário. A este extremismo estruturalista Derrida denominará “ultraestruturalismo”, ou seja:

Aqui a estrutura, o esquema de construção, a correlação morfológica torna-se *de fato e apesar da intenção teórica a única preocupação do crítico*. Única ou quase. Não mais método na *ordo cognoscendi*, não mais relação na *ordo essendi*, mas ser da obra. (DERRIDA, 2014, p. 20, grifo do autor, negrito nosso).

Este ultraestruturalismo, primeiramente, compreende a forma como coisa literária, que comporta uma referência ao espaço, estrutura enquanto espaço geométrico (geometrismo). A obra possui, assim, uma unidade interna, uma arquitetura que é unificada na identidade plasmada da forma. Derrida aponta para o perigo de confundirmos o sentido da obra com seu modelo geométrico, como assinala no seguinte trecho:

Arriscamo-nos a interessar-nos pela própria figura, em detrimento do jogo que nela se joga por metáforas. (Empregamos aqui a palavra figura no sentido geométrico e ao mesmo tempo retórico. No estilo de Rousset, as

¹⁵ Ibid., p. 16.

figuras de retórica são sempre as figuras de uma geometria aliás muito maleável).¹⁶

Contra o perigo de interpretarmos o sentido de uma obra por sua unidade geométrica, Derrida propõe destruir o conceito geométrico de sentido por um sentido metafórico, despertando a não-espacialidade ou a espacialidade original. Com isto, busca-se a destruição das oposições metafísicas. Contra a força da forma propõe uma energia, uma força ativa.

Em segundo lugar, o método ultraestruturalista aponta para um pré-formismo que podemos caracterizá-lo como:

Doutrina biológica bem conhecida, oposta a um epigenetismo, e segundo a qual a totalidade dos caracteres hereditários estaria contida no germe, em ato e com dimensões reduzidas que já respeitariam contudo as formas e as proporções do futuro adulto.¹⁷

O ultraestruturalista em defesa da forma como conteúdo recusa qualquer característica da obra que não seja passível de ser geometrizada e pré-formada. Acredita que há um “télós ou uma norma ideal” em nome dos quais se devem pensar a obra. Possivelmente será nesta perspectiva que Derrida propõe que:

Ser estruturalista é prender-se em primeiro lugar à organização do sentido, à autonomia e ao equilíbrio próprio, à constituição acabada de cada momento, de cada forma; é recusar deportar para a categoria de acidente tudo o que um tipo ideal não permite compreender. (DERRIDA, 2014, p. 36).

Para o franco-magrebino, devemos tentar nos libertar dessa linguagem (metafísica de oposições), sem nos libertarmos dela, ou seja, da luz do sentido, mas evitá-la todo o possível. Assim, será na liberdade poética que o filósofo deve se voltar para refletir sobre sua história, sendo sem ser, dizendo sem dizer. Pois todo ato de dizer é um ato de não dizer, no sentido de que aquilo que é dito já não é mais, escapa-me (energia viva).

Parece-nos ser possível pensar que Derrida se esforça por romper com a leitura estruturalista e se aproxima daquilo que Goldschmidt descreve como um tipo de leitura geneticista, que sobrevoa a obra com vistas a compreender os dogmas como efeitos ou sintomas de que o historiador deve fazer a etiologia. Rompendo com o geometrismo e o pré-formismo de toda leitura possível, pois, para ele, não há fim que se feche na abertura, não há início, começo ou fim de uma leitura.

¹⁶ Ibid., p. 21.

¹⁷ Ibid., p. 31.

Considerações finais

Acreditamos que, para Jacques Derrida, a escritura é um projeto, de partida, fadado ao fracasso, pois escrever é por si só uma opressão da linguagem na linguagem. Ao dizer sei que não direi suficiente, mas sempre já demasiado.

Derrida aponta para os perigos da leitura estruturalista, pois o estruturalista, ao totalizar a obra (geometriza-la), mata a força presente na escritura, sua liberdade imaginativa. E com ela morre também a possibilidade de criação de sentido ou de toda possibilidade futura. Não obstante, é na escrita que produzimos sentido, pois a letra não tem outra residência, não possui uma localização que dispomos para encontrá-la, pois é ao escrever que criamos sentido.

Como vimos, para o estruturalista Victor Goldschmidt, a análise de sistemas filosóficos, na sua forma dogmática, é propriamente uma atividade filosófica. Ao fazermos a história da filosofia estamos necessariamente praticando a melhor das filosofias, pois é aquela que segue o método mais cientificista.

Por sua vez, Derrida propõe a destruição deste tipo de leitura que, ao tomar a obra enquanto forma e estrutura, mata a liberdade criadora de sentido. Para ele, a filosofia deve buscar no seio da liberdade poética abertura para a imaginação e a criação de sentido.

Contra o dogmatismo, Derrida propõe um estilo filosófico genético, que investiga, com a paciência da leitura, as intenções do autor. Sobrevoando e percorrendo os sentidos da obra enquanto criadora de sentido.

Assim, o estilo derridiano envolve uma nova abordagem da linguagem na linguagem, e por sobre a linguagem. Não mais as verdades internas da obra enquanto sistema acabado (metafísico), mas como uma genealogia da metáfora que encontra na liberdade poética sua força criadora.

É neste ponto de vista que a metáfora tem a função de dar abertura a toda leitura possível, ou seja, manter a imaginação e a criação na escritura. A criação se faz na abertura para todos os possíveis, onde não há origem, começo ou início. Nenhuma posição absoluta.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva et alii. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *O monolinguismo do outro ou a prótese de origem*. Trad. de Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001.

_____. *Cómo no hablar*. Barcelona: Proyecto A ediciones, 1997.

GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de Platão*. Trad. de Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difel, 1970.

WOLFREYS, Julian. *Compreender Derrida*. Trad. de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2009.